

RESENHA DE HAROLDO DE CAMPOS, TRADUTOR E TRADUZIDO

A. Guerini; W. C. Costa; S. Homem de Mello (2019).
Haroldo de Campos, tradutor e traduzido
(São Paulo: Perspectiva)

Haroldo de Campos ficou mundialmente conhecido por ser precursor e idealizador da poesia concreta no Brasil, juntamente com Augusto de Campos e Décio Pignatari, criando um novo conceito de poesia e de tradução no Brasil. Por meio de seus ensaios teóricos que buscam reinventar a tradução de poesia, Haroldo de Campos expôs uma nova proposta de método tradutório conhecido como transcrição. Dessa forma, o autor é importante para a área dos Estudos da Tradução, basicamente, por dois motivos: (i) por sua vinculação a um programa poético de vanguarda; e (ii) por uma reflexão elaborada sobre a arte tradutória, à qual novos referenciais teóricos foram gradativamente incorporados.

Quanto ao primeiro ponto, esse programa poético de vanguarda se distancia da «tradução da letra» reivindicada por teóricos como Antoine Berman, e recebe o nome de transcrição. Esta é vista por Haroldo como uma leitura crítica do texto a ser traduzido. Os textos abordados pela transcrição, em geral, estão relacionados às obras artísticas, como, por exemplo, o poema. Nesse caso, a tradução não está totalmente ligada ao valor semântico que a obra artística possui, mas também – ou principalmente – à musicalidade e forma que ela possa abarcar. Portanto, o foco da tradução está não sobre a reconstituição da mensagem (valor semântico), mas sobre a reconstituição do sistema de signos em que está incorporada a mensagem da informação estética.

Quanto ao segundo ponto, a reflexão sobre a arte tradutória abrange desde os inúmeros ensaios escritos por Haroldo para fundamentar seu conceito de transcrição até comentários críticos que acompanham grande parte de suas traduções. Por conceber a tradução como uma ati-

vidade crítica – postulado fundamental para o seu pensamento teórico, e considerando que ele muitas vezes analisou suas próprias traduções com uma minúcia ímpar – é possível afirmar que a primeira recepção de sua obra tradutória foi diretamente mediada pelo próprio Haroldo de Campos. Dessa forma, a consistência de suas ideias sobre tradução literária e a respectiva coerência com sua produção poético-tradutória, a apreciação de suas traduções ligada aos parâmetros de reflexão definidos pelo próprio tradutor continua até os dias atuais.

Por fim, é possível afirmar que o prisma de Haroldo deu outro olhar para a disciplina e as reflexões no que tange o universo dos Estudos da Tradução. Assim, Haroldo de Campos também contribui para a solidificação da área em questão, especialmente porque o autor possibilita a ampliação do termo comum de tradução. Portanto, ele desmitifica o conceito canônico de que traduzir é repassar uma mensagem de uma língua à outra, fazendo com que o ato de traduzir ganhe uma nova roupagem, isto é, seja visto como um ato de leitura crítica e de criação. Considerando os elementos discutidos nesta breve introdução, esta resenha revisitará a obra intitulada: *Haroldo de Campos, tradutor e traduzido*, organizada por Andréia Guerini, Walter Costa e Simone Homem de Mello.

Haroldo de Campos, tradutor e traduzido está dividido em três seções, «Transcrição», «Haroldo Traduzindo» e «Traduzindo Haroldo». Todos os textos contemplam diferentes pontos de vista e abordagens apresentadas em diferentes tipos textuais: ensaios críticos literários, entrevistas e depoimentos. A obra é organizada de forma didática e, por isso, está ao alcance de estudantes iniciantes dos Estudos da Tradução, de pesquisadores e de professores experientes da grande área. Na primeira seção, pesquisadores apontam para o alcance e as diversas direções do intercâmbio teórico e literário-histórico que Haroldo promoveu por meio de suas traduções e de seu conceito de transcrição. Deste primeiro momento da obra, fazem parte três textos dos autores (i) K. David Jackson, (ii) Boris Schnaiderman e Jerusa Pires Ferreira, (iii) Antonio Vicente Pietroforte, Rodrigo Bravo e Thiago Moreira Correa.

K. David Jackson, em «A Transcrição e o Transcriador: Haroldo de Campos, Coreógrafo de Poesia», traça um panorama da trajetória de Haroldo como tradutor e pensador da tradução, mostrando a associação das atividades poética e crítico-teórica e a colaboração entre o pesquisador, o *scholar*, o historiador, o comparatista e o músico na mesma pessoa. Jackson explora, sobretudo, desdobramentos e implicações do prefixo «trans», como o hibridismo estético, a apropriação transgressiva que culminaria em uma expropriação dos textos traduzidos e na consequente alteração de seu significado, associando essas técnicas a uma atualização do cosmopolitismo inerente ao modelo barroco. Ao apontar a transcrição como um dos máximos exemplos literários de transculturação nas letras contemporâneas, K. David Jackson revela significativos efeitos histórico-literários, como o reposicionamento da «língua brasileira como receptora e propagadora de tradições literárias de vanguarda» e o recentramento do diálogo entre a criatividade brasileira e a literatura universal.

Boris Schnaiderman e Jerusa Pires Ferreira, em «Haroldo de Campos Tradutor: entrevista a Simone Homem de Mello», conversam sobre o contato de Haroldo com alguns teóricos estrangeiros como Roman Jakobson, Mikhail Bakhtin e Henri Meschonnic, interlocutores relevantes no desenvolvimento de sua teoria da tradução. A entrevista relembra vivamente a personalidade ‘transcriadora’ de Haroldo, ao lidar com diferentes estímulos culturais, sobretudo seu contato com escritores e intelectuais russos, mediado por Boris Schnaiderman, um de seus professores de língua russa, e rememora também a colaboração de ambos com Augusto de Campos em *Poemas de Maiakóvski* (1967) e *Poesia moderna russa* (1968).

A seção encerra-se com Pietroforte, Bravo e Correa, em «Aspectos semióticos da tradução: Roman Jakobson e Haroldo de Campos». Os autores abordam a origem do pensamento jakobsoniano sobre linguagem e tradução e estabelecem uma relação com a teoria da transcrição de Haroldo de Campos. Trata-se de uma recapitulação dos pressupostos linguísticos que estão na base da visão de Jakobson sobre a tradução literária, a qual Haroldo associou um fazer tradutório cultivado no Bra-

sil desde o Grupo Noigandres, atribuindo a ela o *status* de uma «física da tradução», como contraparte a uma «metafísica da tradução», supostamente representada pelo pensamento de Walter Benjamin.

Os textos da seção «Haroldo traduzindo» evocam áreas de interesse ligadas às culturas e literaturas específicas, que permitem reflexões sobre a particularidade de recursos tradutórios eventualmente descobertos em contato com tradições poéticas de idiomas característicos por parte de Haroldo de Campos.

Andrea Lombardi, em «Haroldo e seus precursores: um ensaio sobre fontes poéticas e musicais», evidencia o trabalho de Haroldo de Campos em relação às culturas/línguas japonesa e italiana. Quanto ao primeiro idioma, a autora explicita o interesse de Haroldo de Campos pelo Japão, que se revela não apenas em poemas com referências trazidas de viagens, mas também no seu trabalho com diversas tradições artísticas, desde o teatro não até a poesia de vanguarda japonesa, subjazendo também à sua leitura/reescrita de gravuras de Tomie Ohtake. A síntese poética, a que Haroldo recorre ao ‘transcriar’ essas obras, é indissociável da reflexão sobre a escrita ideogramática, que – via Ernest Fenollosa e Ezra Pound – marcou a conceituação da Poesia Concreta pelo Grupo Noigandres, tendo se tornado, a partir de então, um referencial recorrente na produção poético-crítica de Haroldo.

Em sua contribuição sobre o espaço linguístico italiano na obra tradutória de Haroldo de Campos, Andrea Lombardi se dedica a estudar a representação de Arnaut Daniel na *Divina Comédia*, enfocando a relação de Dante com a linguagem poética a que ele próprio se filia. A referência ao postulado de uma tradição «expressionista» na história da literatura italiana (à qual Dante pertenceria), elaborado pelo crítico italiano Gianfranco Contini, serve como paralelo mais recente à visão da tradição literária derivada de Ezra Pound pelo Grupo Noigandres e ampliada nas reflexões de Haroldo de Campos sobre linhagens literárias «transepoicas» e uma história sincrônica da literatura.

Cyril Aslanov, em «Além do literalismo: a tradução da Bíblia por Haroldo de Campos», destaca a assimilação de características da língua hebraica como recurso poético e a reprodução da linha prosódica do

original, constatando, no entanto, um literalismo com flexibilidade. O foco de Aslanov, portanto, é a leitura das traduções bíblicas de Haroldo. Sendo assim, a apreciação da obra tradutória de Haroldo em âmbitos linguísticos distintos permite que se tematize com maior propriedade a função do literalismo em suas traduções.

Inez Xingyue Zhou, em «Ana-Ideograma e translinearidade: uma reimaginação de Li Shang-Yin por Haroldo de Campos», resgata a figuratividade dos ideogramas, fazendo com que seja o ponto de partida das suas reflexões. Inez escolhe uma tradução de Li Shang-yin por Haroldo de Campos como objeto, recorrendo à releitura haroldiana de Pound e Fenollosa, Saussure e Peirce e conjuga os campos conceituais do ideograma, anagrama e diagrama, a fim de mobilizá-los para uma nova compreensão teórica da poética haroldiana da tradução.

Assim como Inez Xingyue Zhou, essa opção pelo resgate da figuratividade dos ideogramas também é o ponto de partida das reflexões de Ting Huang e John Corbett, cujas traduções da poesia clássica chinesa, publicadas em *Escrito Sobre Jade*, são objeto de estudo sobre a especificidade do método tradutório haroldiano em relação à escrita ideográfica.

A contribuição dos autores sobre essa coletânea de traduções do chinês recapitula a conceituação do ideograma por Fenollosa e Pound incorporada ao programa poético-tradutório do grupo Noigandres, destacando, contudo, a singularidade e a soberania da prática tradutória de Haroldo com a língua chinesa. O artigo articula a priorização da materialidade e da concretude na Poesia Concreta e a opção consciente e programática pela ultraliteralidade encontradas nas reimaginações haroldianas na poesia chinesa.

Em «Uns tantos dados sobre o Lance de Dados de Haroldo de Campos», Júlio Castañon Guimarães evidencia a singularidade das soluções poéticas nas traduções de Haroldo, o que torna as suas transcrições um objeto propício para análises textuais. Após destacar a recriação feita por Haroldo de Campos da visualidade como principal tônica da tradução de «Un coup de dés», de Mallarmé, Júlio Castañon Guimarães submete a tradução haroldiana a uma análise filológica, recorrendo a im-

portantes fontes de crítica textual, como diferentes versões da tradução e anotações de leitura por parte do tradutor.

Princípios tradutórios articulados por Haroldo, em seus ensaios críticos e teóricos, servem de base para a análise de suas traduções de «Homero», por Marcelo Tápia e Robert de Brose. Marcelo Tápia demonstra as consequências da opção versificatória e a riqueza da rede sonora recriada por Haroldo. Robert de Brose, a seu turno, atém-se ao conceito de isomorfismo para pontar a correspondência com o «mecanismo de relojoaria», e a reinvenção da velocidade do texto grego no ritmo da tradução.

Simone Homem de Mello, em «Similitude alheia: a poesia alemã como fio condutor da teoria poética-tradutória de Haroldo de Campos», desenvolve um panorama das traduções haroldianas de poesia alemã que permite perceber que alguns princípios fundamentadores da teoria da transcrição são extraídos do repertório conceitual das próprias obras traduzidas. Tanto em suas traduções de poesia moderna de vanguarda, quanto na recepção do Hölderlin tradutor e poeta, ou de Goethe, do «Fausto e do Divã», Haroldo destila da configuração estética das obras traduzidas os mecanismos da ação tradutória, abstraindo alguns desses procedimentos como princípios operacionais da transcrição.

O texto que fecha a seção «Haroldo traduzindo» é «Legado homérico», de Trajano Vieira. O testemunho desse autor sobre seu acompanhamento da tradução da *Ilíada* por Haroldo torna tangível o modo de trabalho do tradutor, mais especificamente as formas de ele esboçar relações lexicais e textuais no processo de tradução.

«Traduzindo Haroldo» é a última seção do livro de Guerini, Costa e Homem de Melo e inclui uma parte significativa dos tradutores da poesia de Haroldo de Campos para outros idiomas. Os textos variam entre depoimentos, entrevistas, análises e diálogos travados *a posteriori* com o autor traduzido.

Os desafios que a obra poética de Campos impõe a seus tradutores e a possibilidade de se lidar com esses desafios seguindo a vertente transcriadora, proposta por Haroldo, são temas recorrentes nos ensaios

e/ou depoimentos de seus tradutores para o espanhol: Andrés Sánchez Robayana, Reynaldo Jiménez, Eoberto Echavarren; para o inglês: Antonio Sergio Bessa, Odile Cisneros, Suzanne Jill Levine; e para o italiano: Daniela Ferioli.

A recepção dos poemas concretos de Haroldo em língua inglesa, sobretudo em traduções do poeta escocês Edwin Morgan, é abordada por Virna Teixeira em «Haroldo de Campos na Escócia no anos 1960 e o McConcretismo». O artigo em questão inclui fragmentos da correspondência entre o grupo Noigandres e o poeta escocês, e demonstra o impacto da Poesia Concreta brasileira sobre a vanguarda poética do Reino Unido, sobretudo da Escócia.

Já entre os tradutores contemporâneos de Haroldo representados na coletânea, pode-se dizer que o enigma poético-tradutório mais abordado é *Galáxias* (edição definitiva de 1984), a obra que mais teve traduções parciais ou integrais para outras línguas. Roberto Echavarren, em «Galáxias, Work in Progress Barroco», aponta a afinidade de *Galáxias* com o projeto joyceano, e insere a obra na tradição histórico-literária do barroco hispânico e hispano-americano, qualificando-a, por um lado, como transcrição de *Finnegans Wake* e, por outro, como anagnórise do barroco fundador. A inserção da obra haroldiana na linhagem do barroco também é a tônica da contribuição de Carlos Pellegrino em «Os dez mandamentos de Haroldo de Campos e o barroco da contraconquista». Pellegrino delinea o movimento de «contraconquista» que perfaz a reelaboração haroldiana da tradição.

Se Echavarren, como tradutor, encara *Galáxias* como uma partitura com execuções possíveis, e aponta para as matrizes de sua composição, Reynaldo Jiménez, em «Trânsito galáctico: apontamentos em torno de uma versão de *Galáxias*», descreve o embate do tradutor com a partitura «materia» da obra, registrando, sobretudo, seus movimentos sísmicos. É nos movimentos proteicos e no pulsar rítmico da obra que Jiménez inscreve o projeto tradutório, na descoberta do têxtil que se edita à medida que se escreve. O que também requer uma postura e uma resposta do tradutor de *Galáxias* é a coexistência de várias línguas, registros linguísticos e referências cruzadas. Entre suas estratégias tra-

dutórias de *Galáxias*, Odile Cisneros, em «Desafios e oportunidades na tradução inglesa de *Galáxias* de Haroldo de Campos», menciona os recursos a serem inventados para se traduzir esse «texto poliglota e até babélico». Mas não se trata apenas de se posicionar em relação a referências pontuais, cujo desvendamento, segundo Cisneros, requer um espírito detetivesco; trata-se também de vislumbrar nessa rede de referências interculturais e interlinguísticas aquilo que o poeta e tradutor espanhol Andrés Sánchez Robayana, em «Yúgen em Espanhol», reconhece como valor de um universo sígnico, uma visão que se converte em signo, em poema, em ideoplastia, em um mundo de signos ou em um signo-mundo.

Há mais um aspecto de «mundo de signos» haroldianos que desafia os tradutores. Trata-se da coexistência de alusões e registros linguísticos populares e eruditos investigada por Odile Cisneros e por Antonio Sergio Bessa, ambos cotradutores dos textos poéticos e ensaísticos de Haroldo para o inglês, reunidos na antologia *New Selected Writings*, organizada por ambos e publicada em 2007. Sergio Bessa, em «Aula de samba: a articulação da modernidade no Finismundo de Haroldo de Campos», analisa o poema por ele traduzido para o inglês, tomando como eixo a mistura de registros linguísticos e culturais, e rastreando o resgate de elementos populares em traduções que Haroldo fez de autores canônicos.

O trabalho conjunto dos tradutores de Haroldo para o inglês também está registrado no depoimento de Suzanne Jill Levine, em «Algumas palavras sobre *Galáxias* n. 1», que colaborou com Cisneros na tradução de *Galáxias*. Da mesma forma que Jill Levine, a tradutora italiana Daniela Ferioli conviveu com Haroldo como tradutora, testemunhando, em entrevista à pesquisadora Katia Zornetta («“Eu era o seu dicionário falante”: entrevista a Daniela Ferioli»), sobre seu desempenho e cooperação com o poeta.

A diversidade de pontos de vista compilados nessa coletânea certamente corresponde à multilateralidade da obra haroldiana, em sua construção poliédrica de poesia, tradução, crítica e teoria. Apesar do rico e imenso trabalho de Haroldo de Campos, pode-se afirmar que um dos

principais méritos de *Haroldo de Campos, tradutor e traduzido*, de Guerini, Costa e Homem de Mello, foi ter registrado vozes de contemporâneos, amigos e interlocutores de Haroldo, combinando-as com a visão de leitores mais recentes, ligados estritamente ao texto haroldiano.

A partir desse viés, torna-se pertinente fazer uma leitura minuciosa dos artigos escritos por estudiosos de Haroldo de Campos. Além disso, por meio desse cotejo ensaístico, cujo objetivo principal é referenciar e pontuar traços importantes encontrados na obra, torna-se possível informar que ela possui uma vertente atemporal capaz de revolucionar o campo dos Estudos da Tradução, sobretudo, na terceira seção, a qual é responsável por pontuar os processos tradutórios e as dificuldades encontradas ao traduzir Haroldo de Campos para o inglês, espanhol e italiano. Portanto, ao fazermos uma crítica da obra, consideramos como aspecto diferencial e inovador, fazer um contraponto entre a atividade de tradutor de Haroldo de Campos e como ele está sendo traduzido no mundo inteiro, também revisitamos e exemplificamos sua teoria transcriadora.

FABIO JÚLIO PEREIRA BRIKS

Universidade Federal de Santa Catarina
fabiobriks@hotmail.com

EMILY ARCEGO

Universidade Federal de Santa Catarina
arcegoemily@gmail.com